

“Este é o mundo errado” – elementos para uma utopia política feminista¹

Janyne Sattler²

Resumo: Este artigo busca salientar os elementos utópicos comuns entre as obras de Christine de Pizan, *A cidade das damas*, e de Charlotte Perkins Gilman, *Terra das mulheres*, em vista de uma utopia política feminista, cujo valor central reside tanto num projeto de autonomia filosófica e literária quanto naquilo que tenho defendido para as utopistas e as não utopistas que escrevem ao longo da história da filosofia, como constituindo uma efetiva *política do texto, da escrita e da linguagem* com as obras realizando em ato uma defesa das capacidades cognitivas, imaginativas e políticas das mulheres.

Palavra-chave: Utopia política – Feminismo – Christine de Pizan – Charlotte Perkins Gilman

“This is the wrong world” – elements for a feminist political utopia

Abstract: This article aims to highlight the utopic elements common to the works of both Christine de Pizan, in *The Book of the City of Ladies*, and Charlotte Perkins Gilman, in *Herland*, taking into account a feminist political utopia, whose central value lies in a project of philosophical and literary autonomy as well as in what I have been calling for utopians and non-utopians female authors writing throughout the history of philosophy, a *politics of text, writing and language*, with their works performing themselves a defense of women’s cognitive, imaginative and political capacities.

Keywords: Political utopia – Feminism – Christine de Pizan – Charlotte Perkins Gilman

¹ Tomo esta expressão do oitavo episódio da segunda temporada da série *Westworld*, com intenções que espero deixar claras ao longo do texto. A expressão está presente também no título de uma coletânea do canadense Bertram Richard Brooker, embora com outras significações (*The Wrong World: Selected Stories and Essays of Bertram Brooker*. University of Ottawa Press, 2010) e em uma *webnovel* de autoria de Esli E.S.M.A.

² Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. E-mail: janynesattler@gmail.com.

No contexto de minhas reflexões sobre filosofia e literatura e ainda na esteira de uma vivência informada pelos elementos distópicos de uma realidade brasileira em sua escalada antidemocrática e fascista, sobretudo a partir do advento das eleições de 2018, eu ministrei a disciplina “Utopias e Distopias Políticas e Feministas” no primeiro semestre de 2019 no curso de Graduação em Filosofia da UFSC. Eu já vinha trabalhando com alguns aspectos ligados à releitura da tradição contratualista de Carole Pateman e seu cruzamento temático com *O conto da aia*, de Margaret Atwood³, mas também com uma constante revisão feminista da história da filosofia e a inclusão de obras de mulheres filósofas nas referências de várias disciplinas filosóficas, optativas ou não. Desde então, se dá a insuspeita necessidade da conceituação utópica e distópica para além das incursões canônicas “inauguradas” com Thomas More, embora tenhamos lido também sua *Utopia* para fins de comparação. Com isso, o objetivo específico da disciplina de Filosofia e Literatura daquele semestre era

investigar as inflexões políticas, sobretudo a partir de uma perspectiva feminista, de alguns textos filosóficos, literários, utópicos e distópicos em vista de uma compreensão diagnóstica da realidade social e política contemporânea, tanto brasileira quanto estrangeira, em sua vivência capitalista, cujas alternativas se dão em direção a um horizonte socialista, ecofeminista e tecnologicamente responsável.

Eu tinha em mente, para a postulação deste horizonte, o *Manifesto ciborgue* de Donna Haraway, mas também os debates em torno de outras distopias para além d’*O conto da aia*, tais como *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley e *Fabrenheit 451*, de Ray Bradbury.

No entanto, a leitura das obras filosóficas utópicas escritas por mulheres me levou também a uma reflexão adjacente àquela do diagnóstico social no que diz respeito aos significados da utopia para três das autoras escolhidas para compor a bibliografia da disciplina: Christine de Pizan e *A cidade das damas*, Margaret Cavendish e *O mundo resplandecente*, Charlotte Perkins Gilman e *A terra das mulheres*. É a partir de duas dessas obras, com Pizan e Gilman, que eu gostaria de comentar a seguir o seu propósito de um projeto político como um projeto de independência e autonomia intelectual, literária, filosófica e política, como saída do “mundo errado” que é o mundo do domínio patriarcal.⁴ Trata-se de uma concepção utópica, a qual possui como pano de fundo e pressuposto a longa tradição de nulificação da racionalidade feminina, que estabelece os termos para a consideração e para a aplicabilidade do conceito de ‘igualdade’ à nossa capacidade cognitiva e imaginativa e à possibilidade de domínio público da palavra, compondo assim, junto com outras autoras, aquilo que tenho chamado de *política feminista do texto, da escrita e da linguagem*.⁵

³ Em várias palestras e minicursos, mas também neste texto: SATTTLER, “Contra a República de Gilead”.

⁴ Por questões de espaço, eu o farei aqui apenas com Pizan e Gilman, já que tenho me dedicado a Cavendish em outros lugares (SATTTLER, *Insurreições feministas da modernidade – a utopia de Margaret Cavendish e a política feminista da linguagem*); e no curso *As Pensadoras* via Rede Brasileira de Mulheres Filósofas (junho, 2020), e no primeiro volume daí resultante (SATTTLER, “Margaret Cavendish e a impetuosidade da palavra”, 2021).

⁵ Dado esse recorte específico, muitos aspectos do horizonte utópico de característica socialista, ecofeminista e tecnologicamente responsável acima mencionado não poderão ser tratados neste momento, aparecendo já esparsamente alhures. Cf., p. ex., SATTTLER, *Um projeto ecofeminista para a complexidade da vida*.

*Nolite te bastardes carborundorum*⁶

Antes mesmo de Thomas More e do estabelecimento dos critérios de comparação conceitual para o que conta ou não como utopia e para o que segue mais ou menos de perto ao seu modelo de escritura ficcional e, no entanto, politicamente programática, Christine de Pizan já propunha em 1405 uma audaciosa interrogação sobre a possibilidade de uma vida alternativa às mulheres, longamente submetidas a uma concepção depreciativa de si mesmas e julgadas incapazes da idealização e da construção política da sociedade – também porque, obviamente, física e moralmente confinadas aos espaços demarcados, à sua revelia, como “não-políticos”. Sua postura de contestação e resistência antecipa em muitos séculos o delineamento de uma terra exclusivamente habitada por mulheres – como aquela da aventura de Charlotte Perkins Gilman e suas Amazonas ecofeministas em princípios do século XX. A edificação da *Cidade das damas* pode ser considerada não apenas um experimento imaginativo utópico nos termos abaixo esboçados, como também uma denúncia e uma mensuração diagnóstica a respeito dos múltiplos modos de rebaixamento das mulheres extensamente replicados pelos homens ao longo da história da filosofia, da literatura, da mitologia e da religião, e concretizados sobre nossos corpos com maior ou menor exclusão, confinamento e violência.

A obra⁷, como um todo, é um apelo a uma indignação comum, compartilhada, e uma injunção à compreensão de que se a imagem da mulher parece ser mundialmente vilipendiada é porque este é, na verdade, o mundo errado – e não porque a mulher constitua, ela mesma, o erro do mundo. Deste modo, nem Christine e nenhuma das mulheres às quais ela se endereça deve doravante permitir que sejam desprezadas novamente, sendo a construção da cidade das damas, a partir daí, um imperativo político, mas também moral, de criação de um outro mundo, onde viver como uma mulher não significa viver à mercê do entendimento masculino – inclusive à mercê do entendimento masculino sobre a sua própria realidade.

Significativamente, o diagnóstico da misoginia não se dá pelo reconhecimento da vileza e perversão de mulheres reais, mas pelas vias da suposta erudição e ciência de autores, contemporâneos e passados, cuja autoridade ultrapassaria, aparentemente, qualquer autoanálise e qualquer contraponto argumentativo. Abatida por esta conclusão e sentindo-se abandonada até mesmo em sua fé em Deus – já que também a vil mulher seria obra Dele – a personagem-narradora Christine recebe a visita personificada de três virtudes, as quais a ajudarão a iluminar o seu entendimento e a prepará-la para liderar a edificação de uma fortaleza impenetrável ao ultraje masculino.

Dama Razão, dama Retidão e dama Justiça guiam Christine na idealização e desenho da obra, na organização e no acabamento, respectivamente, procedendo a uma argumentação dialética em sua relação à ideologia masculinista dominante. O recurso dos *exempla* como elementos discursivos expressivos ao longo de toda a obra reitera a necessidade de sólida fundamentação e de repetição para o convencimento acerca das concepções equivocadas, moralmente condenáveis, sobre o caráter e a natureza das mulheres. Afinal, foi também assim

⁶ Frase emblemática d'*O conto da aia*, cuja tradução a partir de um latim adaptado pela própria autora fica entre “não deixe que os bastardos te esmaguem” ou “não deixe os bastardos te deixarem para baixo”.

⁷ Vou supor o conhecimento geral das obras que comentarei a seguir já que, por questões de brevidade, não poderei me deter sobre o enredo e sobre detalhes específicos das personagens de cada uma dessas utopias, tratando apenas dos elementos que me interessam mais de perto para a defesa de minha argumentação.

que a tradição reproduziu para os ouvidos masculinos e femininos o seu ideário de censura e execração. O objetivo de cada um dos *exempla* relatados pelas damas que instruem e apuram o juízo de Christine é fornecer uma longa lista de qualidades que objetam a essa difamação⁸ – um longo inventário para o assentamento de uma caracterização alternativa positiva das mulheres e a construção de uma cidade habitada por damas cuja função especular é o cultivo de uma determinação interior e aquisição de perspicuidade sobre os motivos do androcentrismo. A exaustiva argumentação de Pizan visa responder à pergunta da personagem Christine à dama Razão logo no início da obra, e disputar sua posição quanto à “querela dos sexos” no “próprio terreno” da (suposta) racionalidade masculina – o da escrita, da literatura e da filosofia⁹:

Dama, lembro-me do que dissestes agora a [*viz*] pouco, acerca de todos aqueles homens que maldisseram tão severamente os costumes das mulheres, condenando-as em massa: mais o ouro demora na fusão, mais ele fica fino. Deve-se entender com isso que quanto mais elas são condenadas sem motivo, maior é o mérito da sua glória. Dizei-me, vos peço, por que tantos autores as maldizem em suas obras? O que os motiva? Pois, vós já me fizestes entender que eles estão errados. Será que é a Natureza que os leva a isso ou será que o fazem por ódio? Como isso acontece?¹⁰

Não pode ser por Natureza, responde dama Razão – ou teríamos que nos haver com as contradições realizadas por uma vontade divina perfeita e com o reconhecimento de uma dualidade viciada ou de um enviesamento na ideia mesma de ‘virtude’ – com o que esta seria, então, exclusividade da vivência masculina. Mas havendo “diversas e múltiplas” razões, todas elas passam, de algum modo, pelo poder exercido pelos homens sobre a própria conceituação do mundo e de sua concretização e corporificação insistentemente renovada pelos indivíduos:

Outros homens condenaram as mulheres por outras razões: uns por causa de seus próprios vícios, outros devido a [*viz*] enfermidade de seu próprio corpo, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito.¹¹

⁸ Lucimara Leite comenta o uso do *exemplum* como um recurso próprio ao período medieval e contexto pedagógico no qual está inserida Pizan, constituindo aquele “um curto relato que ajudava os padres, em seus sermões, a orientar o comportamento de seus ouvintes com exemplos dignos de imitação. Ou seja, um discurso retórico que tinha por objetivo convencer e persuadir um conjunto de ouvintes. De uma ação passada, o orador infere uma lei geral ou um preceito moral suscetível de ser aplicado à questão por ele defendida” (LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 21). Os preceitos elaborados para as “ouvintes” de Christine de Pizan, dignos de convencimento e imitação, servem também como contraexemplos aos relatos cotidianos de detração.

⁹ Segundo os termos de Lucimara Leite (LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 88). Eu voltarei a este ponto subsequentemente.

¹⁰ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 131. Faço uso aqui da tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado em sua tese de doutorado *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*.

¹¹ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 133. Em outro ponto, dama Razão diz que “eles acham que se outros escrevem o que eles queriam dizer, então, eles não podem estar enganados. É assim que eles se põem a difamar.” (PIZAN, *A cidade das damas*, p. 135).

Daí a necessidade de réplica sobre cada um dos vícios alegadamente intrínsecos às mulheres: que suas funções corporais as lesam cognitivamente, que são por demais tagarelas, fofoqueiras, incapazes de guardar segredos, que são desprovidas de bom senso e economicamente dissipadoras, ou avaras e egoístas, que são excessivamente vaidosas ou que se valem da beleza exterior para a realização de quaisquer dos seus desejos, que estão continuamente prontas ao ócio, à preguiça e ao prazer fácil, que tornam insuportáveis os casamentos, que são infiéis aos seus maridos, sejam novos ou velhos, sábios ou tolos, que são infiéis aos seus pais e parentes, e até mesmo às suas mães, abandonando-as à própria sorte, que são inerentemente fracas e inaptas para trabalhos públicos, da fala pública à estratégia de guerra ou ao governo da cidade, que são incapazes de uma racionalidade literária, artística, filosófica e científica, e jamais inventivas ou criativas, e jamais portadoras de bons conselhos, que não são castas, e que por isso também desejam ser violentadas, que não são virtuosas e que são inconstantes em sua fé, sucumbindo a dores ínfimas, carentes de altivez e integridade. Para cada ofensa, um exemplo e um nome que se constitui como argumento à aprovação, louvor e, sobretudo, modelo de ação, mas também reconceituação de índole e de ‘natureza’. A imperatriz Nicole, a rainha Semíramis, a rainha Tomiris das Amazonas, a intrépida Clélia, a romana Proba, Safo, Media, Circe, Minerva, Ísis, Lavínia, a sibila Eritreia e a sibila Amaltéia, Nicostrate, Cassandra, a virgem Claudia, Xantipe, Paulina, Judith, Esther, Rebeca, Ruth, a marquesa Griselda, a rainha Branca, a dama Busa, a virgem Maria, Santa Catarina, Santa Lúcia, Santa Marina. Historiografia, mitologia e hagiografia servem ao propósito de reiterada objeção aos “ataques contra as mulheres”¹² e ao restabelecimento da justiça sobre seu caráter e virtude – e não é à toa que a autora coloque a dama Justiça para coroar a finalização da obra da cidade das damas, cuja habitação fica sob a guarda do símbolo máximo dos valores de excelência e castidade feminina tal como ensejada por Pizan: virgem Maria.

Se é verdade que ao invocar o longo caminho da exemplificação – como prática literária corrente e, portanto, facilmente assimilável por seu público contemporâneo – assim como o amparo de autoridades masculinas de exceção – Boccaccio e Salomão entre eles – a autora objetiva “eliminar a ignorância” e a “conscientização dos homens em relação”¹³ às mulheres, a exortação final de Christine de Pizan é destinada especificamente a elas e revela um dos elementos utópicos constitutivos desta cidade como um “refúgio” e uma “fortaleza” protetiva à integridade física e espiritual das mulheres – a “nova herança” da qual falarei posteriormente:

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte esses homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras.¹⁴

¹² PIZAN, *A cidade das damas*, p. 353.

¹³ LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 107.

¹⁴ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 357.

“Fugi, senhoras, fugi!”, encoraja Pizan. Sobretudo para não sucumbir às armadilhas sedutoras que parecem constituir um elogio à graça de uma determinada feminilidade para tornarem-se em seguida apenas o prejuízo de uma reputação arruinada – já que este é o “veneno” das amizades dos bajuladores. “Dignai-vos”, diz Pizan, “minhas venerabilíssimas damas, de procurar a virtude e fugir dos vícios, para que cresçam e multipliquem-se as habitantes de nossa Cidade”¹⁵.

Claro, o incômodo destas qualificações de excelência moral ao gosto de uma moderação obediente é indiscutível, assim como o é o aplainamento da categoria ‘mulher’ sob a égide de um quadro axiológico ao qual nossa subscrição arrisca sempre tão somente reforçar os diferentes tipos de subserviência corporal e as fendas abertas entre nós pelas dicotomias a serviço dos desejos e da dominação masculina – santa e puta, mulher casadoura e mulher da vida, e assim por diante.

No entanto, se a onipresença da virtude da castidade ou a salvaguarda da honra e da reputação como “bem mais precioso” nos interpela negativamente a partir de nossa perspectiva feminista contemporânea plural, talvez para Christine de Pizan houvesse mais ousadia do que admitisse o seu tempo em apresentar as virtudes como passíveis de vivência, resiliência e edificação moral para “as mulheres de todas as condições sociais” – vós, diz ela, que “amastes, que amais e que amareis a virtude e os bons costumes, vós do passado, do presente e que vireis”¹⁶, e não apenas as santas e as “donzelas”, mas também as mulheres viúvas e casadas. Lucimara Leite comenta a novidade desta “divisão por estamentos sociais” como “um critério diferente daquele vigente na época, o critério espiritual da castidade” cuja exaltação se dá às virgens em detrimento de todas as outras: “A mulher deixa de ser vista somente a partir de sua função biológica para assumir uma imagem social”¹⁷ – e esta é parcialmente também a assunção em ato do *Livro da Cidade das Damas*, já que sua escrita possui como autora uma mulher, viúva, vivendo de sua própria pena, e reclamando para si a autonomia sobre suas próprias palavras e sobre sua própria reputação.

Ademais, eu gostaria de sugerir que a ênfase dada à castidade, em sua qualificação não estritamente religiosa, é em muitos momentos da escrita de Pizan destacada lá onde a violência contra a mulher é mais explícita. Assim, a castidade como virtude soberana, em termos de “pureza corporal e espiritual”¹⁸ é exemplificada por Dama Retidão com mulheres casadas e viúvas, ou colocadas à prova pelas ameaças de estupro, rapto e calúnia, e servindo já talvez de exemplo também para a argumentação subsequente “contra aqueles que dizem que mulheres querem ser violentadas”:

Então eu, Cristina [sic], disse assim: Dama, acredito completamente no que vós dizeis e tenho certeza de que são muitas as mulheres belas, nobres e castas, que sabem se proteger das armadilhas dos sedutores. Eis porque me irrita e me deixa triste que os homens afirmem que as mulheres queiram ser estupidadas, que isso não as desagrada, mesmo quando se defendem gritando

¹⁵ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 358.

¹⁶ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 316.

¹⁷ LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 125.

¹⁸ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 261.

alto. Pois, não seria capaz de acreditar que lhes possa ser agradável uma coisa tão abominável.¹⁹

Não desejo ignorar que o contexto em que escreve Christine de Pizan é o contexto cristão de retificação para uma educação moralizante, mas marcar as devidas diferenças em sua voz no compartilhamento dos ensinamentos para com todas as mulheres, e sobretudo o modo como tais ensinamentos habilitam a tomada de uma oposição à violência e defesa daquilo que hoje poderíamos nomear como autonomia corporal e a dignidade de sua inviolabilidade – as quais não vão sem suas contrapartes cognitivas e intelectuais. Nem mesmo a escolha da Virgem Maria para a Rainha da Cidade das Damas – que, muito embora (ou até mesmo por isso)²⁰ contemporize com o culto mariano medieval como o exemplo persuasivo de virtude por excelência – é inconsequente, já que sua figura é aquela que tem “poder e autoridade sobre todas as potências do mundo”²¹, e como “aquela que foi a primeira a ter seus feitos reconhecidos e exaltados pelos cristãos”²². O que, para o público leitor de Pizan, é crucial em termos de convencimento. Note-se, além disso, que até mesmo diante deste quadro referencial o papel da Virgem Maria tem a ver com o privilégio outorgado pela autora à sua audiência feminina e à edificação de sua fortaleza contra a misoginia:

Todo o devoto sexo feminino te suplica pela graça e por piedade que não recuses habitar entre elas, como sua defensora, protetora, livrando-lhes de todos os ataques de inimigos e do mundo (...) O! Dama Quem ousaria no olhar de teu esplendor pensar ou deixar escapar da boca tal afronte, que o sexo feminino é vil!²³

É diante de tal apelo que eu gostaria de evidenciar a delicada questão que se coloca aqui relativamente aos motivos para a fundação de uma Cidade das Damas, regida por uma potente autoridade em virtude, bondade e sabedoria, e habitada exclusivamente por mulheres em sua busca por inviolabilidade – que é disso que se trata, me parece, a ideia do refúgio, da fortaleza e da segurança pretendidas pelo trabalho da personagem Christine: quão errado pode ser este mundo para sequer supormos a necessidade de uma alternativa cuja presença humana seja unicamente feminina? “Fugi, senhoras, fugi!”. É claro que um dos aspectos feministas do caráter utópico desta obra é o argumento metafórico de que a edificação política desta cidade se constitui sobre a absoluta independência física, intelectual e moral

¹⁹ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 266.

²⁰ A precursora historiadora feminista do Medievo, Eileen Power comenta os emaranhados de significados presentes no culto mariano e nos ideias românticos de cavalaria que tornavam até mesmo as mulheres comuns (*the ladies*) objetos de adoração, convivendo escancaradamente, no entanto, com os enredos da demonização feminina disseminados pela Igreja junto à aristocracia e aos cristãos iletrados: “*In a curious and perhaps indiscriminate way the cult of the Virgin extended even to embrace the woman of the Gospels wholly outside the divine family – Mary Magdalen. But the widest extension of the cult of the Virgin, and one inspiring an attitude to women wholly different from that of the early Church, was the cult of the mundane lady*” (POWER, *Medieval Women*, p. 15). [“De maneira curiosa e talvez indiscriminada, o culto da Virgem se estendeu a ponto de abarcar a mulher dos Evangelhos totalmente de fora da família divina – Maria Madalena. Mas a extensão mais ampla do culto da Virgem, e que inspirava uma atitude em relação às mulheres totalmente diferente daquela da Igreja primitiva, era o culto da mulher mundana” (Tradução dos *Cadernos de Ética e Filosofia Política*)].

²¹ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 318.

²² LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 58.

²³ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 319.

das mulheres que agora habitam sob uma conceituação exclusivamente masculina do mundo, dualista e hierarquicamente excludente. Mas a questão é: por que a necessidade de isolar e emparedar nossa própria autoconsciência a salvo dos inimigos? Ou de insularmo-nos como as sobreviventes de um mundo que, de outro modo, torna-se inabitável?

Ora, esta me parece ser também a pergunta implícita na provocação de Charlotte Perkins Gilman em sua sugestão, muito mais literal do que aquela de Pizan, acerca de uma terra habitada exclusivamente por mulheres. Se o experimento literário de Gilman é também um expediente de denúncia a respeito da dominação masculina, sua hipótese utópica avança, no entanto, precisamente sobre a comparação entre mundos e sobre o que neles fazemos (ou não) pela vida – das mulheres, mas, em seu caso, também pela vida da própria Terra.²⁴ Novamente, quão errado pode ser este mundo para sequer supormos a necessidade de uma alternativa cuja presença humana seja unicamente feminina? A resposta de Gilman, aparentemente, é a de que a *Terra das mulheres* é o mundo correto.

Embora as mulheres não tenham fugido para lá em uma injunção de desespero, elas sobreviveram às catástrofes belicistas anteriores e floresceram como uma comunidade cujo valor e autodomínio está livre da soberba agressão das ideologias masculinistas e de sua misoginia. A exortação à reflexão acerca das implicações econômicas, sociais, culturais, ecológicas, e até mesmo psicológicas, de uma terra habitada por mulheres é intensificada pelo narrador masculino de Gilman e a descrição de suas perplexidades – desde as mais profundamente preconceituosas até aquelas cujo deslumbramento posiciona as concepções da própria autora sobre os possíveis ideais de seu projeto político. Como seria o mundo se habitado apenas por mulheres? Esta experiência de pensamento tem lugar, por obviedade, como contraponto ao mundo dual heterossexual do masculino e do feminino – contextualizado aqui pelos Estados Unidos do início do século XX e suas incursões imperialistas, com tintas lamentavelmente higienistas. As personagens Terry O. Nicholson, Jeff Margrave e Vandyck Jennings são didaticamente apresentadas como três versões de uma masculinidade cujas tonalidades mais ou menos violentas não nos livram da essencialização sobre o ‘feminino’, sobre a corporificação de concepções generificadas de sexualidade, maternidade, sociabilidade e racionalidade, e que desembocam em críticas às classificações paradigmáticas, classistas, de uma sociedade cuja dupla moral fica agora escancarada. São as minúcias do cotidiano das mulheres que revelam o mal-estar e o incômodo de Jeff e Vandyck – já que Terry parece ser um caso perdido para a causa feminista – à assunção do seu machismo e de seu assentimento antes inquestionado e confortável aos seus privilégios, e que ecoam construções enviesadas de longa data, já que de Pizan a Gilman, as mesmas caracterizações maledicentes persistem sobre nossa vaidade e futilidade, incapacidade para cooperação, para planejamento, para o silêncio, para a política, para a racionalidade e para a própria literatura. Ou para o trabalho, no caso das mulheres cuja classe estas personagens masculinas representam. E Gilman não deixa passar que a desigualdade de gênero é interseccionada pela desigualdade de classe cujos efeitos reverberam sobre os próprios conceitos em jogo para a feminilidade burguesa.

Neste sentido, o interesse da perspectiva do narrador cumpre um aspecto típico das estruturas literárias utópicas, ao colocá-lo como descobridor de um mundo novo, que

²⁴ E me arriscaria a qualificar a *Terra das mulheres* como uma utopia socialista ecofeminista, ainda que seu vegetarianismo conviva com alguns procedimentos estranhos de controle de pragas. Mas isso fica para uma outra ocasião.

manifesta seus ideais por comparação às injustiças, desigualdades e problemas econômico-políticos do mundo de origem – o mundo errado. Fica difícil para Vandyck explicar a estrutura normalizada de reiteradas arbitrariedades e assimetrias do seu mundo diante da uniformidade pacífica e higiênica desta sociedade de irmãs em cooperação – sendo literalmente assim já que todos os nascimentos por partenogênese têm origem numa única primeira mãe. E fica cada vez mais claro para a leitora que as descrições confessionais do narrador, que inicialmente manifestava seu assombro quanto à possibilidade mesma de uma vida comum constituída apenas por mulheres, expressam também a estupefação e a consternação de Gilman, – pelo olhar das personagens – assim como nosso contínuo embaraço, pela vida que é vivida hodiernamente pelas mulheres em sua ignorância, dependência, subordinação e apagamento, e em sua rotina de segunda classe. Mas é justamente sua perplexidade que encaminha o programa político de sua utopia cujo gênero é agora atualizado pela perspectiva feminista e pela aposta numa sociedade que independe da conceituação masculina da realidade para a compreensão dos significados que tem a vida para as próprias mulheres.

É como se Gilman materializasse imaginativamente a cidade das mulheres de Pizan, com o arcabouço e o pano de fundo de uma tradição utopista pós-moreana, e elaborasse os desejos de independência física, intelectual, espiritual e moral das mulheres sobre as bases de uma profunda revisão conceitual a respeito do mundo da heterossexualidade. Que a cidade seja pensada pela autora como um refúgio e uma fortaleza contra as imposições violentas da masculinidade – e de sua imposição linguístico-conceitual também, precisamente – é mostrado pelos distúrbios causados pelos “visitantes” da ilha, sobretudo depois que estes se “casam” com as mulheres por quem se apaixonam (Ellador, Celis, Alima), do estupro marital à tentativa de adaptar as ‘esposas’ ao modo de vida levado a cabo pelo conceito tal como eles o concebem.²⁵ Gilman não parece ser muito otimista quanto à sua capacidade de adaptação aos valores da sociedade das mulheres e isso recoloca a delicada questão sobre a necessidade do seu insulamento e da persistência de sua defesa.

Ao final do livro, quando Ellador parte com Vandyck para o mundo dele, a comunidade decide por não expor o “país a uma comunicação livre com o resto do mundo... por enquanto”²⁶. Gilman escreveu uma continuação à obra, com Ellador perplexa no mundo errado. Embora voltem à ilha depois desta experiência negativa, não há continuidade para a história agora que a Terra das Mulheres tem seu primeiro nascimento masculino em séculos, filho de Ellador e Vandyck. Mary Beard comenta o pessimismo de Gilman e salienta o viés deste requerimento de defesa:

Perkins Gilman deve ter se dado conta de que não havia necessidade de continuação. Qualquer leitor sintonizado com a lógica da tradição ocidental seria capaz de prever exatamente quem estaria no comando de Herland cinquenta anos depois. Aquele menino.²⁷

²⁵ “Esposas! Não me fale de esposas! – urrava Terry – Elas não sabem o que a palavra significa” (GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 216).

²⁶ GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 252.

²⁷ BEARD, *Mulheres e poder: um manifesto*, p. 98.

A utopia de Gilman não é, obviamente, perfeita, e falhas no mínimo incômodas para os nossos feminismos contemporâneos perpassam o livro como um todo – da onipresença da maternidade e condenação absoluta do aborto, do silêncio e ausência de sexualidade e desejo na comunidade de mulheres a menções preocupantes sobre superioridade branca, Gilman incorre ainda em alguns riscos típicos do gênero – com traços compartilhados com a visão homogênea e monótona de perfeição moral em Christine de Pizan, aliás.²⁸

Saídas utópicas

Apesar dos embaraços apontados para ambas as obras – e em que pese nossa leitura temporalmente informada por atravessamentos contemporâneos – é o significado positivo dos seus projetos de mundo e dos seus projetos de emancipação intelectual que eu gostaria de defender em vista de uma utopia política feminista. Assim, eu gostaria de argumentar pelo sentido utópico comum entre as obras de Christine de Pizan e Charlotte Perkins Gilman para além da mera estruturação estilística, ficcional, alegórica ou metafórica, na medida em que ambas desenvolvem um programa político voltado a interesses feministas – e, aqui, especificamente aqueles de uma *autonomia filosófica e literária*.²⁹

A cidade das damas e *a Terra das mulheres* manifestam em suas narrativas uma cerrada argumentação contra o juízo da incapacidade feminina de idealização, construção e organização política da sociedade. Não se trata somente de apontar a contraprova de suas competências, mas de desenhar em seus planos de construção um mundo que não seja hostil às mulheres (e, no caso de Gilman, aos outros seres de seu entorno), e de manifestar aí a potência de uma educação política igualitária. Sobre estas bases, os seus planos de construção são efetivamente racionais, progressivos, e consequentes com o aprofundamento de uma autoconsciência (que nós hoje podemos qualificar como) feminista, e os seus princípios de edificação estão todos voltados à valorização de qualidades longamente desacreditadas e diminuídas acerca do “caráter feminino”. Daí a importância e a saliência de uma minuciosa organização, que Pizan revela não apenas através de suas figuras alegóricas, mas também nos argumentos por *exempla* em prol da cooperação e da equanimidade, e do desmentido de que às mulheres importa apenas a inimizade e a vingança e a mútua concorrência. Empregaríamos hoje o termo sororidade para dar conta da vivência almejada por Pizan ao reunir as suas mulheres em torno de um cuidado de si mesmas contra o desabono da perspectiva misógina. Uma ideia que é intensificada em Gilman, já que a sua comunidade de mulheres, altamente organizada precisamente porque cooperativa e coletivamente coordenada, é efetivamente uma comunidade de irmãs crescendo juntas em “ação unificada”³⁰. Mas é claro que não se trata apenas, por assim dizer, da estética da organização e da ordem – muito embora Gilman notabilize também este ponto – pois o que está em questão é a salvaguarda da integridade das mulheres em seus diversos aspectos, físico, intelectual, moral e espiritual. E é neste sentido que o argumento em defesa da capacidade das mulheres para a construção política

²⁸ Entretanto, a prontidão com que rechaçamos a uniformidade das sociedades utópicas deveria ser motivo para refletirmos sobre nossos pendores hedonistas contemporâneos.

²⁹ Ademais, alguns dos elementos abaixo mencionados permeiam também as obras de outras autoras (utopistas ou não) e corroboram os sentidos de um mundo outro, finalmente de fato habitável, e concorrem para minha defesa de uma compreensão feminista da significação do mundo por meio da linguagem – como se verá abaixo.

³⁰ GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 107.

da sociedade se dá comparativamente aos modos violentos do desenvolvimento social hodierno. Para ambas as autoras, a construção de suas cidades como fortificações inacessíveis e o seu insulamento e impermeabilidade aos padrões “normais” de comportamento dualista e hierárquico, envolve a compreensão da não-violência como valor superlativo. E a violência de que se trata aqui, se ela é manifestamente aquela imposta especificamente sobre os corpos femininos – pelo estupro, tortura, assassinato e domesticação das subjetividades –, ela diz respeito também às outras feições do abuso sobre a integridade e a dignidade das mulheres. Em última instância, o objetivo do refúgio e da fortaleza em Pizan e Gilman é a segurança de sua inviolabilidade sobre todos os aspectos de sua vida: “As mulheres da Terra das Mulheres não temiam os homens. Por que deveriam?”³¹. E para além do preparo físico, coletivamente condicionado e mutuamente amparado que tanto espanta os homens invasores da Terra das Mulheres, a injunção imperativa de defesa é contra *todas* as imposturas do machismo e da misoginia, contra a usurpação da compreensão de nossa própria humanidade. Daí o chamamento pela virtude, honra, reputação, ou excelência, e a ênfase no auto-entendimento e na educação – uma educação que é, portanto, voltada a uma política de valorização de todas as nossas capacidades e de nossas capacidades cognitivas, em especial.

As personagens masculinas da Terra das Mulheres consideram sobremaneira enfadonho que tudo ali seja educação (embora não “escolar”³²). Mas como sua tarefa vital é a Geração Consciente de Pessoas³³, as coisas não podem ser de outra maneira. Afinal, esta consciência opera contra as qualificações de nulidade da racionalidade feminina, instada também neste sentido por Pizan na defesa injuntiva de sua educação. E não se trata sequer apenas da educação formal, mas da abertura a todas as possibilidades de desenvolvimento da inteligência ou das faculdades que permitam precisamente vivacidade, agudez e uma “experiência rica e variada”³⁴ que as retire do aplainamento de “suas ocupações domésticas”³⁵.

Nesta senda, ambas as autoras reivindicam o livre desenvolvimento das nossas potências racionais, cognitivas, imaginativas, cívicas e morais, como um elemento essencial de cidadania, através de argumentos que escancaram por oposição o longo estado de exclusão em que as mulheres sempre se encontraram. Mas elas o fazem também no ato mesmo da escritura d’*A cidade das damas* e da *Terra das mulheres*. A imaginação utópica, a imaginação de um mundo não violento habitado por mulheres que independem do juízo avaliativo masculino para compreenderem a si mesmas e às suas competências políticas, constitui por si só um argumento em prol da autonomia literária e filosófica, e é assim que a própria pergunta que estas obras desenvolvem e que nos interpela aqui como um incômodo acerca de um mundo exclusivamente habitado por mulheres como alternativa ao mundo errado, constitui por si só uma política. Uma política de independência física, intelectual, social, espiritual e moral na habitação das cidades utópicas tais como são por elas descritas, em seus detalhes concorrentes à tradição dos utopistas “humanistas”. Afinal, como afirma Luciana Calado em seu estudo sobre Pizan, “a utopia masculina constitui frequentemente uma

³¹ GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 229.

³² GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 188.

³³ GILMAN, *Terra das mulheres*, p. 121.

³⁴ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 176.

³⁵ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 176.

distopia para as mulheres”³⁶ – e o inaugural Thomas More ele mesmo poderia constar aqui como prova de reiterada hierarquização de gênero no contexto de uma proposição supostamente igualitária. E uma política de compreensão feminista do que significa para as mulheres a imaginação de um outro mundo, e dos significados do próprio conceito de ‘utopia’ para uma perspectiva inclusiva do gênero – e da raça, e da animalidade não humana, eu gostaria de acrescentar. Como interroga Renata Corrêa no prefácio a Gilman: “Hoje, agora, imaginemos uma sociedade livre da opressão do patriarcado. Como ela se organizaria e o que faríamos com a liberdade conquistada?”³⁷.

Esta é precisamente a pergunta que herdamos destas utopistas. A sua política de independência imaginativa é também uma política de criação e de construção social, literária, filosófica e politicamente pensada por nossa conta e risco. E é neste sentido que as cidades exclusivamente habitadas por mulheres assim como as obras escritas por mulheres para a saída do mundo errado constituem uma herança que implica, no entanto, na responsabilidade de sua contínua transmissão: “Minhas caras damas, não fazeis mal [*sic*] uso dessa nova herança, como fazem aqueles arrogantes que se enchem de orgulho quando suas riquezas se multiplicam e prosperam”³⁸. Ou, pelo menos, no reconhecimento de que herdar e gerar são verbos estreitamente implicados um no outro no contexto de nossos patrimônios literários, filosóficos e políticos legados entre mulheres. Porque, como insiste Virginia Woolf,

as obras-primas não são frutos isolados e solitários; são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo das pessoas, de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada.³⁹

E de modo que nossa experiência coletiva atual, como também nossa voz autoral, está assentada sobre o trabalho pregresso de autoras dedicadas à construção desta comunicação ininterrupta entre as precursoras e nós, e dedicadas à “multiplicação das habitantes de nossa Cidade”⁴⁰.

Esta, eu gostaria finalmente de argumentar, constitui por si só uma política feminista da linguagem. *Uma política do texto, da escrita e da palavra*, inscrita nas obras como “heranças”, e nestas obras em específico, como um projeto de utopia feminista que nos incumbe fazer ver, e nele perseverar. Evidentemente, trata-se de uma política precisamente porque a outorga sobre a palavra, principalmente sobre o domínio público da palavra, nunca nos é dada legitimamente. A linguagem é a morada do poder, e o domínio sobre os significados dos nossos conceitos e sobre a significação da própria realidade é uma questão de acesso e abertura às palavras, à escrita ou à possibilidade da escrita, ao campo da argumentação – e ao significado de ‘argumento’ – e, de modo geral, à literatura, à filosofia e, basilarmente, à educação e à experiência do mundo *com* a linguagem. É isto também, me parece, o que Lucimara Leite quer dizer ao falar de Pizan como lançando “mão de uma arma masculina, a

³⁶ CALADO, *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*, p. 57.

³⁷ CORRÊA, “Prefácio”, pp. 12-13.

³⁸ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 356.

³⁹ WOOLF, *Um teto todo seu*, p. 87. Ou, como ela diz ao final de seu ensaio: “Ademais, se vocês examinarem qualquer grande figura do passado como Safo, como Lady Murasaki, como Emily Brontë, descobrirão que ela é tanto uma herdeira quanto uma geradora, e que veio ao mundo porque as mulheres passaram a ter o hábito de escrever naturalmente” (WOOLF, *Um teto todo seu*, p. 142).

⁴⁰ PIZAN, *A cidade das damas*, p. 358.

escrita, ocupando um lugar na Literatura, até então restrito aos homens, com raras exceções”⁴¹. Ocupar um espaço generificado torna-se, assim, um ato de resistência, mas também, a cada vez, uma reivindicação política, publicizada em texto, escrita, argumento, e, aqui, em utopia. E, por fim, trata-se de uma política porque o projeto essencialmente implicado nestas utopias se dá pela independência – no amplo espectro de nossas qualidades físicas, mas sobretudo morais, intelectuais, filosóficas, literárias e políticas – daquilo que nós desejamos atribuir como significado a um mundo verdadeiramente vivível para as mulheres, um mundo correto.

Para Christine de Pizan e para Charlotte Perkins Gilman, a imaginação de um mundo habitado por mulheres, sua multiplicação e continuidade, suas características e valores feministas (como nós hoje podemos qualificar), é uma via possível de saída do mundo errado. Uma imaginação política do futuro e uma asserção de direitos sobre todos os seus significados. Este é de fato um elemento inescapável de qualquer utopia política feminista que possamos desejar realizar.

Referências bibliográficas

- ATWOOD, M. *O conto da aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BEARD, M. *Mulheres e poder: um manifesto*. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- CALADO, L. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e tradução. [Tese de Doutorado]. Orientação: Luzilá Gonçalves Licari e Claude Roussel. Recife: UFPE, PPG Letras, 2006.
- CORRÊA, R. “Prefácio”. In: GILMAN, C. *Terra das mulheres*. Tradução de Flávia Yacubian. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019, pp. 07-13.
- GILMAN, C. *Terra das mulheres*. Tradução de Flávia Yacubian. Prefácio de Renata Corrêa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- LEITE, L. *Christine de Pizan: uma resistência*. Lisboa: Chiado Editora, 2015.
- PIZAN, C. A cidade das damas. In: CALADO, L. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Estudo e tradução. [Tese de Doutorado]. Orientação: Luzilá Gonçalves Licari e Claude Roussel. Recife: UFPE, PPG Letras, 2006, pp. 113-358.
- POWER, E. *Medieval Women*. London: Cambridge University Press, 1995.
- SATTLER, J. “Margaret Cavendish e a impetuosidade da palavra”. In: MACHADO, R. de C. F. (org.). *As Pensadoras: Volume 1*. São Leopoldo, RS: Editora As pensadoras, 2021.

⁴¹ LEITE, *Christine de Pizan: uma resistência*, p. 88.

_____. “Um projeto ecofeminista para a complexidade da vida”. In: ROSANDO, Daniela; OLIVEIRA, Fabio; CARVALHO, Priscila; KUHNEN, Tânia (org.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2019, pp. 167-190.

_____. “Contra a República de Gilead” In: *Blog Relatos Circunstanciais do Ser Feminino*. 30/07/2018. <https://relatoscircunstanciais.blogspot.com/2018/07/contra-republica-de-gilead.html>, 2018.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.